

Turismo regenerativo e o papel da Geografia na compreensão dos territórios amazônicos

Gutemberg Cardoso da Silva¹

Jorge Ricardo Ferreira²

Resumo

O turismo regenerativo representa uma das mais recentes e promissoras abordagens do campo do turismo contemporâneo, surgindo como resposta crítica aos limites do modelo tradicional de sustentabilidade. Em vez de apenas mitigar impactos, a regeneração propõe restaurar ecossistemas, territórios e relações humanas, com base em princípios de corresponsabilidade, reciprocidade e interdependência entre visitantes, comunidades e natureza. Parte-se da ideia de coevolução: turistas, populações locais e ambientes se transformam mutuamente, construindo relações de cuidado e aprendizado compartilhado. O visitante, portanto, deixa de ser observador passivo e torna-se agente de transformação positiva, participando de práticas que restauram a natureza e fortalecem culturas locais. Na Amazônia, essa perspectiva adquire importância singular. O território amazônico, espaço de vida e resistência, sintetiza as contradições do desenvolvimento, sendo fonte de riqueza ecológica e, ao mesmo tempo, alvo de degradação ambiental e disputas políticas. Compreender a Amazônia sob o viés regenerativo exige um olhar integrador, que ultrapasse a visão utilitarista do espaço e reconheça sua dimensão simbólica, cultural e ecológica. Este estudo tem como objetivo refletir sobre o papel da Geografia na compreensão dos territórios amazônicos a partir do paradigma do turismo regenerativo, evidenciando como os conceitos de território, lugar e governança contribuem para práticas mais sustentáveis e inclusivas. Trata-se de uma pesquisa qualitativa e teórico-reflexiva, construída a partir de revisão bibliográfica e análise conceitual, com base em autores que discutem as relações entre espaço, poder e apropriação territorial (Raffestin, 1993; Haesbaert, 2004) e nas contribuições sobre governança e gestão do turismo (Beni, 2020; Silva, 2024). As reflexões apontam que a Geografia é fundamental para compreender a complexidade dos territórios amazônicos e orientar políticas públicas de turismo regenerativo. O olhar geográfico permite articular dimensões materiais — ecossistemas, infraestrutura e fluxos — e imateriais — memória, identidade e pertencimento. Regenerar o turismo amazônico não é apenas restaurar áreas degradadas, mas reconstituir as tramas sociais e culturais que dão sentido ao território, fortalecendo o protagonismo comunitário e a governança colaborativa. Na prática, o turismo regenerativo na Amazônia pode ser implementado por meio de iniciativas que colocam comunidades ribeirinhas e povos indígenas na liderança dos projetos turísticos, garantindo que lucros e decisões permaneçam sob controle local. A capacitação em hospitalidade, gestão e conservação ambiental reforça a autonomia e a corresponsabilidade territorial. Outras experiências incluem atividades em que visitantes participam de ações de reflorestamento, coleta de sementes e monitoramento da fauna, unindo lazer e regeneração ambiental. O uso de arquiteturas bioclimáticas, energias

¹Doutorando em Geografia (UFRGS/UNL). Mestre em Turismo. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1854250231500064>. E-mail: gutorp@outlook.com

² Doutor em Geografia e Planejamento Regional (UNL). Professor Assistente da Universidade Nova de Lisboa. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-5708-5215>. E-mail: jr.ferreira@fcs.unl.pt

Amazônia e Turismo Regenerativo

Viagens que curam territórios e comunidades

2 a 4 de dezembro

Evento em ambiente virtual

renováveis e manejo de resíduos reforça a coerência entre discurso e prática. A valorização dos saberes tradicionais é outro pilar dessa abordagem. Vivências com artesãos e agricultores, que compartilham práticas sustentáveis e medicinais, permitem um intercâmbio simbólico que ressignifica a experiência turística. O artesanato e a gastronomia são compreendidos não apenas como produtos culturais, mas como expressões de identidade e resistência. A dimensão educativa do turismo regenerativo também é central, convidando o visitante a compreender os ecossistemas amazônicos, suas ameaças e sua relevância planetária. Centros de interpretação ambiental e roteiros educativos tornam-se espaços de sensibilização e aprendizagem ética. No campo institucional, as parcerias entre comunidades, ONGs, universidades e empresas fortalecem a implementação de projetos regenerativos, financiando ações de conservação, pesquisa e desenvolvimento local. A Geografia contribui com instrumentos práticos, como cartografias sociais e diagnósticos participativos, que ajudam a redesenhar roteiros e construir indicadores de bem-estar comunitário. O diálogo entre as experiências amazônicas e europeias — particularmente observadas em Portugal — evidencia uma convergência ética. Tanto nas aldeias amazônicas quanto nas aldeias rurais portuguesas, o turismo pode ser instrumento de regeneração se orientado por valores de reciprocidade e cuidado. Essa dimensão ética aproxima o conceito de regeneração ao de hospitalidade — não a mercantil, mas a hospitalidade como ato de acolher e ser acolhido, reconhecendo o outro como parte do mesmo território existencial. Assim, o turismo se transforma em prática de cura simbólica, permitindo reconstruir vínculos entre pessoas e natureza. Conclui-se que o turismo regenerativo, interpretado pela lente da Geografia, constitui ferramenta de leitura e transformação do território. Ele propõe um novo modo de habitar e conhecer o espaço, comprometido com a vida, a justiça socioambiental e a continuidade cultural das comunidades. Na Amazônia, regenerar é reconhecer as territorialidades indígenas, ribeirinhas e camponesas como centrais, substituindo a lógica da exploração pela do cuidado e da reciprocidade. Ao mesmo tempo, as experiências observadas em Portugal demonstram que a regeneração é um processo global e interdependente. Compreender o turismo regenerativo a partir da Geografia é compreender o território como sujeito vivo, onde regenerar é um ato de reconciliação entre humanidade e natureza, entre economia e cultura, entre ciência e sensibilidade.

Palavras-chave: Turismo regenerativo; Geografia; Território; Amazônia; Governança.

Referências

- BENI, M. C. Turismo e planejamento sustentável: desenvolvimento e governança local. São Paulo: Aleph, 2020.
- HAESBAERT, R. O mito da desterritorialização: do “fim dos territórios” à multiterritorialidade. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.
- RAFFESTIN, C. Por uma geografia do poder. São Paulo: Ática, 1993.
- SANTOS, M. A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção. São Paulo: Hucitec, 1996.
- SILVA, G. C. A presença dos bens democráticos nos conselhos municipais de turismo da região turística do Brejo Paraibano. Dissertação (Mestrado em Turismo) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, PR, 2024.